

Aribiri quer segurança e saneamento

Foto de José A. Magnago

Texto de Cláudia Feliz e
Mariângela Siqueira
Fotos de José Magnago

Aribiri, embora mantenha as características de uma vila, já começa a sofrer com os problemas gerados pela falta de segurança. Depois que a subdelegacia local fechou, no início deste ano, os moradores viram crescer progressivamente a onda de assaltos no

local. Ali, outra grande reivindicação dos moradores diz respeito à infraestrutura sanitária. Dois enormes valões recebem esgotos de quatro bairros existentes nas suas imediações. Os dejetos poluíram o rio Aribiri, antes utilizado pelos moradores para o lazer de fim de semana — há 15 anos, ainda era possível para eles um banho tranquilo e reconfortante no local, conhecido por Prainha. Problemas relacionados à iluminação pública e calçamento também são ali encontrados.



Os valões são motivos de muitas reclamações

Saneamento é o maior problema do bairro

O maior problema da comunidade de Aribiri é mesmo o saneamento básico. No bairro existem dois valões que recebem a carga de Santos Dumont, Ibes, Ataide e Nossa Senhora da Penha. As obras para encostas e construção de galerias nos valões, que deveriam ter sido iniciadas em novembro, conforme promessa da Prefeitura, foram adiadas para a março.

O grande transtorno surge principalmente quando chove e transbordam os dejetos. O problema atinge inclusive o calçamento das ruas, pois as redes existentes são antigas e dão vazamento, sugando a terra até formarem buracos nas ruas. E mesmo as ruas asfaltadas sofrem o mesmo problema. Só que em vez de asfalto, a Prefeitura se utiliza de paralelepípedos para consertá-las.

O orçamento da Prefeitura para o bairro, no exercício de 85, é de R\$ 124 milhões e a comunidade em assembleia decidiu reverter R\$ 104 milhões dessa verba para a solução do problema dos valões que atinge a comunidade, principalmente pela grande quantidade de dejetos que ali são descarregados.

E o pior, conforme disse o presidente do Movimento Comunitário, Willes Souza, é que muitas vezes os valões são utilizados até como depósitos de lixo causando riscos de entupimento, além de uma proliferação maior de mosquitos.

A coleta de lixo, apesar de existir, é deficiente. Segundo os moradores o caminhão só passa nas vias principais, obrigando os outros moradores a descarregar os entulhos nos mangues ou nos terrenos baldios. Para evitar isso, o Movimento Comunitário está reivindicando, além de um melhor serviço de coleta de lixo da Prefeitura, que ela atue junto aos proprietários no sentido de exigir que os terrenos sejam cercados.

Já a limpeza pública só é feita em ruas pavimentadas e, mesmo nessas, o serviço não é frequente. A culpa, na opinião dos moradores, não é da equipe de limpeza, mas sim da Prefeitura, que escala somente quatro pessoas para efetuar a limpeza dos bairros da Glória, Aribiri, Ataide e proximidades de Vila Garrido.

Setor de educação é considerado bom



GAZETA NOS BAIRROS

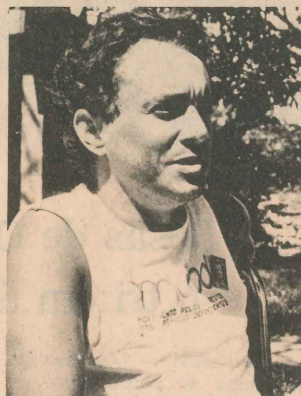
Moradores contam com orgulho sua história

O bairro reúne uma população de aproximadamente 3 mil pessoas — grande parte trabalhando na Companhia Vale do Rio Doce — e que faz questão de preservar sua história. Este ano, por exemplo, a igreja local, São Vicente de Paulo, completa 50 anos de existência. O nome do lugar, segundo a lenda, estaria ligado à existência de grande quantidade de caranguejos na região. Selvagens teriam chamado os crustáceos de arabiri, o que originou mais tarde o nome do bairro — Aribiri.

Nascido em Aribiri, Marcos Antônio Alves Medeiros, 25 anos, reforça a característica assemelhada a uma vila que possui o lugar. "Aqui todos se conhecem, as gerações vão ficando, ninguém quer deixar o bairro", diz ele. Como Marcos, Cláudio Vereza é outro morador identificado com a história do bairro. Sua família era proprietária de uma grande extensão de terras em Aribiri, e hoje tem gravado seu nome numa rua. A José Vereza, e na praça Manoel Vereza.

Aribiri tornou-se povoado por volta de 1910, quando os terrenos pertenciam a Manuel Evaristo Pessoa, mas só em 1912, com a inauguração da linha de bonde ligando Vila Velha a Paul, é que o bairro começou a viver sua expansão. O local era ponto central das duas linhas que existiam, efetivamente o centro da estrada de ferro Jerônimo Monteiro. A estrada ainda existe, mas, hoje, asfaltada, faz parte de uma segunda fase da história do bairro.

Só em 1935, o bairro ganhou sua primeira linha de ônibus. A fábrica de biscoitos Alcebaça chegou em 52 e, com ela, veio também a primeira farmácia. Esses detalhes — e muitos outros — chegaram a ser publicados em 1981, pela própria comunidade, num livretinho intitulado "A História de Aribiri". Hoje o bairro, embora mantenha a aparência de vila — a igreja do lugar fica situada num morro, numa rua



Cláudio Vereza: nome tradicional

toram cadastradas pela PMVV, somando 400 pessoas. A prefeitura aterrou parte do mangue e já instalou, há um ano, 46 delas, no local, hoje beneficiado com água e luz elétrica. Ali, está situado, como apelidaram os moradores antigos, a "Nova Aribiri".

Só esses poucos "estranhos" — alguns originários do próprio bairro — não estão integrados à "vila". Marcos e Cláudio, por exemplo, lembram da época em que a "prainha" de Aribiri — num trecho do rio de mesmo nome, que é ligado à baía de Vitória — era muito frequentada. "Ela era chamada de prainha, maré ou Copalama, e vivia cheia de pessoas nos finais de semana. Até 15 anos atrás os banhos de mar ainda eram possíveis. Depois, com a ocupação desordenada em Santa Rita, Cavaliere e Ilha das Flores, o rio passou a receber esgoto não tratado e sofreu o processo de assoreamento. Hoje suas águas estão totalmente poluídas", conta Cláudio Vereza.

A comunidade é tida como participativa. Em decorrência da invasão do mangue, há dois anos, surgiu o Movimento de Direito à Moradia, que se estendeu por todo o município. Uma das moradoras, Maria Clara da Silva, vice-presidente do Movimento Comunitário, tem participação ativa na questão. A Prefeitura, segundo

Iluminação pública também é reclamada

Oito ruas são desprovidas de iluminação pública no bairro e existem várias cuja instalação de postes não chega até o final, prejudicando os moradores. Outra queixa da comunidade diz respeito às constantes quedas de tensão da rede elétrica, que chegam a provocar até mesmo a queima de alguns eletrodomésticos. O morador Hugo

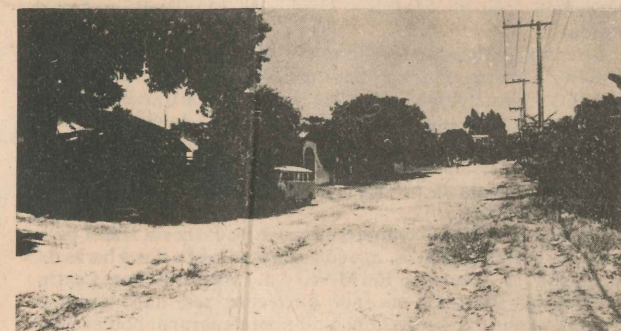
Corrêa de Mattos, por exemplo, conta que já teve dois ventiladores queimados em decorrência do problema. Segundo ele, a tensão da rede baixa entre 19 e 21 horas, principalmente, e, nesse período, a imagem da televisão chega a sumir. No geral, segundo o morador, as lâmpadas que iluminam o bairro são, além de insuficientes, "muito fracas".

Poucas reclamações sobre o transporte

Com pelo menos nove linhas de ônibus servindo à comunidade, incluindo a nova linha da Prefeitura de Vila Velha, o bairro é um dos privilegiados com relação ao transporte coletivo. Mesmo assim, surgem algumas reclamações que "com um certo jeito" podem ser solucionadas.

São elas: a fiscalização nos pontos finais que às vezes falha, deixando passar um ônibus atrás do outro e, nesse caso, obriga os moradores a ficarem por muito tempo no ponto; a desativação da linha Ataide — Praia da Costa, que passava pelo bairro, piorou muito o serviço no local, principalmente nos dias de sol, quando todos os ônibus passam lotados e os moradores não têm acesso aos coletivos na parte da manhã.

Além disso, os moradores reclamam do local



Falta de pavimentação gera muitas críticas

Calçamento: 20 ruas esperam providências

Depois de mais de 20 anos, somente agora a rua Ubirajara receberá o serviço de calçamento. Como ela, porém, existem quase 20 ruas no bairro desprovidas de pavimentação. Por isso, os moradores aguardam, com expectativa, que a Prefeitura dê prosseguimento ao serviço iniciado este ano na Dois de Fevereiro.

Os moradores da rua José Vereza, por exemplo, já encaminharam diversos pedidos de calçamento à Prefeitura, sem no entanto, receberem resposta

positiva. Através dela a comunidade tem acesso à igreja local e quando chove a lama é um incômodo constante.

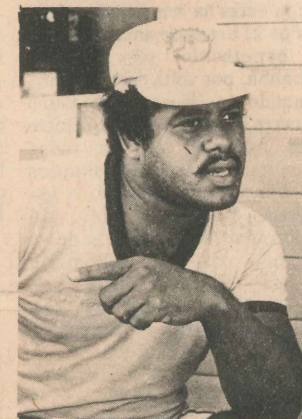
Já na área de ocupação, onde estão instaladas 46 famílias, o problema está na rua do Fico, onde uma barreira é motivo de medo para os moradores, que desejam ver ali construído um muro de contenção. O perigo surgiu depois que a Prefeitura abriu no local uma rua para instalar as famílias e, durante as chuvas, todos têm medo de que ocorra um desmoronamento.

A polêmica em torno da área de lazer

Há três semanas o bairro ganhou um espaço para instalar uma sonhada área de lazer, na qual estará incluída a praça poliesportiva. Mas não obteve a doação de parte da prefeitura tão facilmente, uma vez que, mesmo tendo encaminhado ao órgão, no ano passado, um abaixo-assinado com 2 mil assinaturas — em que constava a reivindicação — a PMVV chegou a iniciar, este ano, no local, obras visando a transformação na garagem dos ônibus da linha municipal.

Quando isso aconteceu, muros foram pichados rejeitan-

do a idéia. Agora, a antiga garagem dos bondes e, posteriormente, fábrica municipal de manilhas, será finalmente transformada em área de lazer. As duas praças, que já foram suficientes para atender a essa necessidade, já não correspondem às expectativas dos moradores, mesmo porque estão quase que totalmente abandonadas. A Manoel Vereza, por exemplo, virou depósito de lixo. O chafariz, motivo de orgulho para a comunidade em tempos passados, já não mais funciona. Matos e calçadas quebradas fazem parte do lugar.

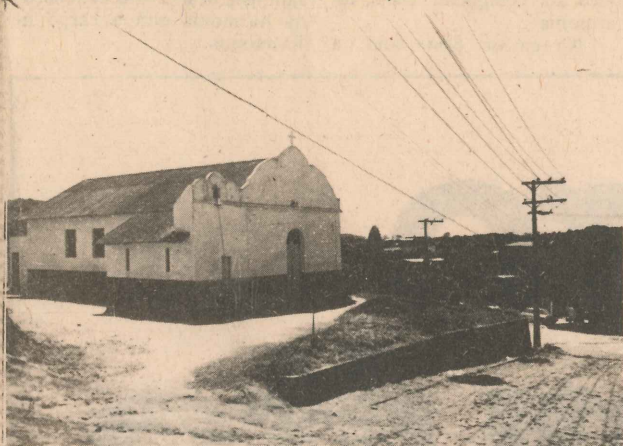


Willis quer mudar local da feira

onde a feira é realizada aos domingos e que prejudica o trânsito, causando a diminuição do fluxo de coletivos. O presidente do Centro Comunitário, Willes Souza, comentou que é desejo dos moradores transferir a feira para a rua Dois de Fevereiro, que está sendo pavimentada, liberando a estrada velha.

...muitos outros — chegaram a ser publicados em 1981, pela própria comunidade, num livro intitulado "A História de Aribiri". Hoje o bairro, embora mantenha a aparência de vila — a igreja do lugar fica situada num morro, numa rua tranquila — já está parcialmente modificado. Há dois anos, a família Vereza doou 30 mil metros quadrados de uma área de mangue, depois que o local foi invadido por grande número de famílias carentes. Todas elas

...inos, surgiu o Movimento de Direito à Moradia, que se estendeu por todo o município. Uma das moradoras, Maria Clara da Silva, vice-presidente do Movimento Comunitário, tem participação ativa na questão. A Prefeitura, segundo ela, prometeu a instalação das 400 famílias cadastradas na área doada. Mobilizada, a comunidade continua cobrando uma efetiva complementação do aterro, que possibilitará tal instalação.



A igreja rústica marca o passado do bairro

Falta de policiamento provoca insegurança

A falta de policiamento no bairro, principalmente após a extinção das subdelegacias pelo governo, gerou, segundo os moradores, uma grande insegurança na comunidade. Os assaltos, conforme contam, são constantes e os moradores reivindicam uma medida imediata das autoridades. A comunidade contratou vigias para as ruas, porém, afirmaram que, ainda assim, a segurança é pequena.

Ely Correa de Souza, por exemplo, no último dia 15 de janeiro teve sua casa assaltada "em plena luz do dia" com um prejuízo de Cr\$ 4 milhões em jóias. Para ela e Valmiki Vieira Muniz, a solução poderia ser a volta do delegado — que segundo eles, mantinha um certo respeito no bairro — mas claro, "desde que o Estado desse condições para a cobertura ser efetuada — com mais policiais e uma viatura".



Valmiki quer a volta do delegado ao bairro

Setor de educação é considerado bom

Em termos de educação os moradores não têm muito o que reclamar. Ao todo são duas escolas que servem ao bairro — a estadual, que ministra o primeiro grau e o supletivo, e o Polivalente que atende aos dois primeiros graus. As escolas, segundo os moradores, atendem não só ao Aribiri mas também às comunidades circunvizinhas de Aza-de, Glória, Ibes, Vila Batista, Ilha das Flores, Ilha da Conceição e Santa Rita.

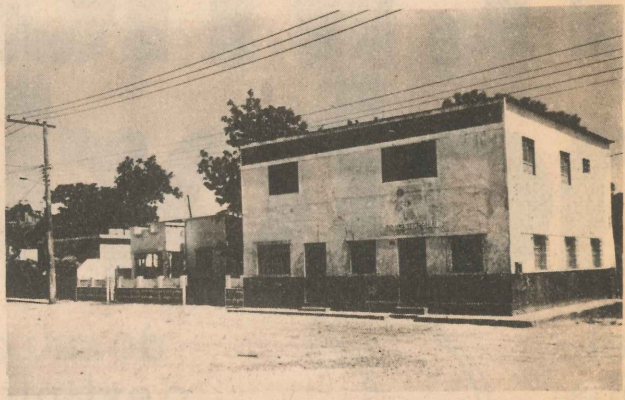
O Polivalente, na opinião de Marcos Antônio Alves de Meireosté um dos maiores do Estado, possuindo 30 salas de aula, incluindo oficinas tipográficas, marcenaria, sala de técnicas comerciais, laboratório, área para técnicas agrícolas e a biblioteca que atende a todos os moradores do bairro para leitura e pesquisa.

Antes, segundo Marcos, que também é professor de química no Colégio, existia uma biblioteca no bairro pertencente ao Movimento Comunitário e que, por falta de pessoas capacitadas para tomarem conta, foi desativada. O movimento possui um grande acervo de livros e os moradores estão esperando terminar a construção da nova sede para reativá-la.

Além das escolas maiores, o bairro possui também um pré-escolar que atende às crianças de quatro a seis anos de idade. Ela funciona na sede do Movimento Comunitário em convênio com a prefeitura e o Mobral, que oferecem merenda e material escolar.

A reclamação, porém, surge do fato da escolinha estar funcionando em caráter precário, pois a nova sede do movimento não está terminada — faltando fazer os banheiros, portas e janelas e a construção de mais uma sala para ampliação do pré-escolar.

A preocupação maior dos moradores é com a conservação das escolas que, para eles, em termos de aparelhamento, são das melhores. Faltam apenas a renovação da pintura e a reforma de algumas carteiras quebradas. Marcos ressaltou que o governo é muito "relaxado" com relação à educação e geralmente não repassa verba para reforma das escolas. "A função da conservação — disse ele — não pode ser só da comunidade".



O posto só funciona três vezes por semana e não tem laboratório

Povo quer posto de saúde mais atuante

O posto de saúde abre apenas durante três dias da semana, e, embora nele trabalhem três médicos, não existe distribuição de remédios para a população carente. A reivindicação da comunidade diz respeito à instalação de um laboratório de análises clínicas regional no bairro, uma vez que o posto promove atendimento a pessoas vindas de bairros vizinhos.

O presidente do Movimento Comunitário, Willis Souza, explica que há dias em que se formam filas longas de pessoas buscando atendimento e que, por isso, a comunidade gostaria de que ele se processasse de segunda a sexta-feira. Ele afirma que os médicos, muitas vezes também não respeitam os horários de atendimento, o que prejudica às pessoas, principalmente aquelas que vêm de lugares mais distantes. Os exames, por sua vez, têm que ser realizados em laboratórios particulares ou no Centro de Saúde da Glória.